

SEXISMO NO CAMPO DAS ARTES:

Diva, de Juliana Notari

Michelle Sales¹

Resumo: Texto que tem interesse em comentar a obra *Diva* (2020) da artista pernambucana Juliana Notari a partir de um olhar feminista decolonial.

Palavras-chave: Arte Contemporânea Brasileira. Gênero. Juliana Notari

SEXISM IN THE ART FIELD: Juliana Notari's Diva

Abstract: This text is interested in commenting on the work *Diva* (2020) by the artist Juliana Notari from a decolonial feminist point of view.

Keywords: Contemporary brazilian art. Gender. Juliana Notari.

Este breve ensaio tem interesse em comentar a obra *Diva* (2020) da artista pernambucana Juliana Notari a partir de um olhar feminista decolonial (Lugones, 2010). O trabalho de 2020 é uma escultura de 33 metros em formato de fenda, apresentando uma enorme vulva avermelhada, feita no município de Água Preta, em Pernambuco, local onde anteriormente funcionava uma antiga usina de cana de açúcar. Embora tenha sido *Diva* a obra que tornou Juliana Notari nacionalmente conhecida na mídia e nas redes sociais pela “polêmica” em torno do trabalho, muitas vaginas, fendas, vulvas e sangue já haviam passado pelo percurso da artista anteriormente, como veremos.

Dessa forma, nos seus primeiros trabalhos, como na performance *Dra. Diva* de 2007, a presença da combinação entre espelhos, marretas e vaginas vai sobrepondo-se às muitas fendas abertas posteriormente pela artista até 2020. Na performance de 2007, Juliana, inteiramente vestida de branco, abre cavidades nas paredes de galerias e museus, acrescentando um espelho, um chumaço de algodão com sangue e uma peça de vidro que faz alusão a um espermatozóide.

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil. Email: sales.michelle@eba.ufrj.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1589-4003>



Figura 2: Juliana Notari, *Dra.Diva*, 2003. Fonte: internet

O gestual e as vestimentas da artista utilizadas na realização de *Dra. Diva* lembram-nos do caráter cientificista e exploratório que marca a relação social com o corpo feminino, um corpo marcado pelo controle, punição e violência. Martelando paredes até sua exaustão física, Juliana notadamente (re)situa e (re)posiciona vaginas silenciadas e invisíveis, cotidianamente violadas e marcadas pelo espectro da violência de gênero.

Evidentemente, a artista não antecipa ou revela apenas o terror do estupro *strictu sensu* ao (re)apresentar as vaginas avermelhadas e marcadas de sangue, mas remete-nos a uma violência estrutural que compõe uma desigual sociedade construída a partir do machismo estrutural e do falocentrismo (hooks, 1992), capaz de separar indivíduos e consolidar hierarquias a partir da criação dos papéis sociais de gênero.

Pois é dessa forma que a divisão do mundo entre homens e mulheres impõe construções ficcionais em torno do “masculino” e do “feminino”, misturando sexo e gênero. Essa mistura consolida a hegemonia masculinista do falo, em torno da “razão, ciência e força física”, e preserva a subalternização de corpos e de vidas femininas,

sobredeterminadas pela “histeria, fragilidade e perversão sexual”. Muitos são os discursos científicos que corroboram essa dicotomia.

Entretanto, os feminismos, enquanto corrente filosófica e teoria social, têm alertado desde o século XIX para a violência que marca a configuração dos papéis de gênero, ao lançar luz sobre a vida das “mulheres” e ao criar conceitos inaugurais para a filosofia e para as ciências sociais capazes de refletir sobre temas tão vastos, desde úteros, vaginas e fendas, como também o papel social desempenhado pelo “feminino” entre o trabalho produtivo e reprodutivo que estrutura a modernidade/colonialidade e o capitalismo.

De volta a Juliana Notari, o trabalho de 2008, *Ferida da Bienal*, realizado enquanto a artista trabalhava como montadora deste importante evento, revela o esforço inverso ao partir para a escavação na busca de suas fendas e feridas, ao invés das marteladas. Como comenta Clarissa Diniz:

Numa escala bem menor e, desta vez, utilizando um bisturi ao invés de uma marreta, a artista foi retirando camadas acumuladas de tinta: memória física das exposições e eventos que, ao longo de anos, se passaram naquele pavilhão. Nessa prospecção, Juliana Notari encontrou um vermelho que, diferentemente do que acontecera com a performance *Dra. Diva*, não foi acrescentado, senão desvelado pela artista. Uma ferida que já estava lá; recoberta, contudo, por camadas de branco que não foram capazes de cicatrizá-la. (Diniz, 2021)

Nessa composição, entre a brancura das paredes das galerias, o vermelho do sangue e das vulvas (re)colocadas pela artista, vai desenhando-se, a partir de 2008, uma interessante relação no pensamento poético da artista entre corpo, paisagem e violência estrutural de gênero, como mais tarde em *Amuamas*, de 2018, veremos cristalizar.

Ao contrário de Clarissa Diniz, gosto de pensar a (re)apresentação de vulvas e vaginas no trabalho de Juliana Notari não como uma ferida, mas como (re)inserção da origem da vida e possibilidade de (re)fazimento através da dor.

É assim que penso ao trazer à tona saberes “femininos” e como estes têm sido uma das formas assumidas por uma arte que pode ser compreendida a partir do viés decolonial. Pensar os desdobramentos da modernidade-colonialidade e dos impactos do capitalismo e das formas extrativistas na relação com os recursos naturais têm sido relacionados com práticas poéticas que questionam e aprofundam a discussão em torno do legado colonial. É a partir daí que proponho também pensar a obra de Juliana Notari.



Figura 2: Juliana Notari, *Amuamas*, 2018. Fonte: internet

Portanto, a relação entre corpo, legado colonial e natureza é, assim, reforçado em *Amuamas*, ao meu ver. Novamente de branco, reproduzindo e alterando os rituais de cuidado e limpeza, geralmente relacionados ao feminino, - abordados em trajetórias de artistas brasileiras tão diversas - Juliana cava uma fenda em forma de vagina agora no tronco de uma samaúma amazônica e introduz um espécule ginecológico, cobrindo por fim com o próprio sangue do ciclo menstrual. Juliana (re)faz a performance da *Dra. Diva* no espaço sagrado da floresta, (re)situando novamente as vulvas e vaginas, (re)posicionando-as, agora, para fora dos espaços masculinistas das galerias e museus por onde já tinham passado. Pois o que a artista também alude é o próprio campo da arte, trazendo à tona seu corpo “genderizado” nas performances que faz, (re)centrando a sua própria vulva para falar de todas as nossas.

De acordo com a artista, a escolha da árvore não se deu por acaso: representa o sagrado feminino, a fecundidade, a abundância, a capacidade de fazer as mulheres engravidarem. Observamos novamente a artista Juliana Notari e a relação com o corpo, sempre (re)apresentando ciclos de vida e morte. Para realizar o trabalho, é importante

perceber que a artista muniu-se da relação local com xamãs para pedir conselhos e autorização para a execução da obra.

Por outro lado, ao deslocar-se do cubo branco, do espaço asséptico das galerias e (re)apresentar suas fendas e vaginas em relação com a paisagem, Juliana Notari oferece muito mais. Se antes, circunscrita à crítica dos espaços misóginos da arte, a artista (re)posicionava suas vulvas e fazia-nos ver além e através daquilo que as paredes escondem, ao apresentar-se ao lado das sumaúmas e dos canaviais em *Diva*, sua obra amplia a dimensão social e a discussão em torno do machismo estrutural.

A pesquisadora Ivana Bentes, ao comentar a polêmica em torno da obra *Diva*, relembra os ciclos de censura vividos recentemente no campo da arte, onde as questões de gênero ainda são rarefeitas, laterais e provisórias. Como ao citar a exposição *QueerMuseu*, de 2017, que sofreu inúmeros ataques nas redes sociais e na imprensa:

Lembram do escândalo produzido pelo MBL com a exposição do Queer Museu em 2017? Quando histeria e fake news tomaram conta das redes sociais e o banco Santander encerrou a mostra que abordava questões de gênero e de diversidade sexual. Depois a mesmíssima exposição foi exibida sem nenhum escândalo e vista por milhares de pessoas no Parque Lage em 2018, no Rio. (Bentes, 2021)

Diva foi atacada nas redes e na imprensa talvez pelos mesmos que atacaram a exposição *QueerMuseu* em 2017 e que hoje ocupam cargos e posições políticas importantes no degenerado governo moralista atual. Não só no Brasil do século XXI, mas ao redor do mundo, a implantação de governos marcados pela austeridade, pelo fim dos programas sociais e pela militarização da vida é acompanhado por discursos misóginos e racistas fortalecidos pela “defesa da família” e da fé.

Assim, ao entranhar-se nos canaviais, a vulva de 33 metros (re)apresentada por Juliana Notari atualiza e renova a discussão em torno do legado colonial. Não apenas porque a obra situa-se *na* paisagem e em diálogo com esta, uma antiga usina de cana de açúcar, mas porque ao relacionar violência de gênero com o passado colonialista a artista aprofunda a necessária discussão em torno da constituição de uma desigual sociedade marcada pela violência estrutural de raça e gênero, como é o caso do Brasil.



Figura 3: *Diva*, 2020. Fonte: internet

Nesse debate, não se trata de um pormenor o fato de Juliana Notari ser lida e/ou considerada uma mulher branca no contexto social brasileiro. Embora, particularmente, considere que as práticas antirracistas e antissexistas é um dever de todos, o que vem desenhando-se no campo das artes no Brasil, é a demarcação de territórios poéticos a partir de artistas e grupos racializados/genderizados em defesa da elaboração de práticas artísticas contra-hegemônicas e que possam dar a ver outras imagens, capazes de desconstruir, criticar ou debater o racismo/machismo estrutural.

Em grande parte, as artistas que reivindicam ou imaginam um mundo descolonizado têm o próprio corpo implicado nas narrativas que fabulam. Fabular um mundo descolonizado significa imaginá-lo livre das amarras racistas e sexistas inventadas pela *plantation* ao longo de séculos de colonialismo, e reforçadas pelo *tecnocapitalismo*. É dessa forma que trazer à tona as práticas artísticas contemporâneas pensadas por mulheres – cis e trans – têm sido um dos espaços mais contundentes do campo das artes. E não é só porque vivemos a quarta onda do feminismo, mas também porque toda a *imagerie* moderno-colonial, e todo o seu aparato de exclusão, tortura e morte, seus esquemas de classificação, suas estratégias de acúmulo e concentração de riquezas, suas práticas extrativistas e exterministas bem como suas imposições de gênero e de sexualidade – tudo isto colapsou. O recrudescimento de práticas *neocoloniais* e de modos de pensar imperialistas que observamos a luz do século XXI devem ser entendidos como a agonia de um sistema, que ainda perdurará, mas que antecipa seu próprio fim pela inviabilidade da condição de sua permanência. *Diva* é o sorriso que se abre em forma de vulva e nos devolve a possibilidade de vida, esperança e utopia. É o refazimento traumático das memórias tecidas ao som das engenhocas do canavial. É tempo de fabular.

Referências

BENTES, Ivana. Vovô viu a vulva! Por que uma vagina causa tanto espanto? *Midia Ninja*, 2021. Disponível em <https://midianinja.org/ivanabentes/vovo%cc%82-viu-a-vulva-por-que-uma-vagina-ainda-e-capaz-de-causar-tanto-esca%cc%82ndalo/?fbclid=IwAR0iUMF84EiTMjg_pSvJfkRiaqwQ9H6fD2k2RxOvS3a6UGyumr5UxLiCRRQ>. Acesso em 20 de maio de 2021.

DINIZ, Clarissa. “Diva”, de Juliana Notari é uma ferida. *Revista Continente*, 2021. Disponível em: <https://revistacontinente.com.br/secoes/critica/-diva---de-juliana-notari--e-uma-ferida>. Acesso em 20 de maio de 2021.

HOOKS, bell. *Black Looks race and representation*. Boston, South and Press, 1992

LUGONES, María. Toward a Decolonial Feminism. *Hypatia*, vol. 25, no. 4, 2010, pp. 742–759. *JSTOR*, www.jstor.org/stable/40928654.

NOTARI, Juliana. Performance Dra .Diva. *YouTube*, 12 de junho de 2012, 9:56, Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=outpNJfA-kc&ab_channel=JULIANANOTARI, Acesso em 20 de maio de 2021. Verbo 08.